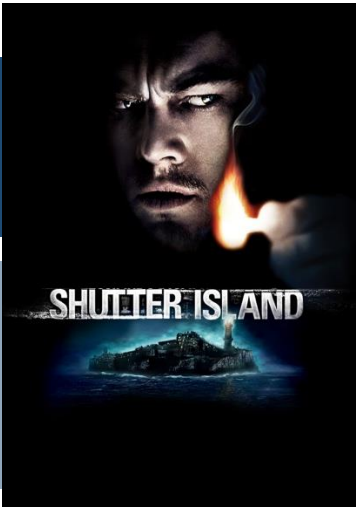


PERSPETIVAS PSICODINÂMICAS DO FILME *SHUTTER ISLAND*: TRAUMA E DISSOCIAÇÃO

Mariana Remelhe*, Pedro Barbosa*, Raquel Ribeiro Silva*

*Serviço de Psiquiatria, ULS Gaia/Espinho



O trabalho visa explorar a relação entre a Psiquiatria e a Psicodinâmica, utilizando o filme *Shutter Island*, de Martin Scorsese. Interpretamos os processos psicológicos da personagem principal, Teddy Daniels/Andrew Laeddis, à luz da teoria psicodinâmica, e como o trauma molda seu comportamento e estrutura de personalidade.

A análise baseia-se nos conceitos das teorias freudiana, contemporâneas do trauma e de relacionamento de objetos.

O filme segue Teddy Daniels, um agente federal, que investiga o desaparecimento de uma doente, Rachel Solando, de uma instituição psiquiátrica, em 1954. Ao longo da investigação, ele é confrontado com seus próprios traumas, nomeadamente, a sua experiência na II Guerra Mundial e a morte trágica da sua esposa e filhos.

Na parte final do filme, é revelado que Teddy é Andrew Laeddis, um doente da instituição, que é incapaz de lidar com a culpa que sente relativamente aos eventos que culminam no seu internamento. O filme levanta questões sobre a realidade, identidade e saúde mental, destacando a complexa relação entre o trauma e o funcionamento psicológico.

A história de Andrew Laeddis, na qual ele nega sua própria culpa ao criar uma nova identidade como "Teddy Daniels", ilustra a forma como o trauma pode levar à dissociação e à fragmentação da identidade.

TRAUMA E DISSOCIAÇÃO: ilustra a teoria freudiana de que o trauma pode ser reprimido, manifestando-se através de sonhos e *flashbacks*. Os múltiplos *flashbacks* refletem a tentativa do ego de processar material reprimido de forma simbólica. A água, símbolo central no filme, representa a culpa sentida por Andrew relativamente à morte dos filhos (morreram afogados no lago em frente a casa, pela sua esposa), algo que ele não consegue enfrentar de forma consciente, resultando num deslocamento dessa culpa para o vómito e a aversão à água.

MECANISMOS DE DEFESA: Andrew utiliza mecanismos primitivos como a clivagem, projetando os aspetos negativos da sua esposa e de si mesmo nos outros pacientes do hospital. Ele idealiza a esposa nas suas alucinações, separando-a da realidade de que ela assassinou os filhos. Este processo de clivagem e projeção reflete uma organização *borderline* da personalidade, de acordo com o modelo proposto por Otto Kernberg.

TEORIA DE CONTAINMENT DE BION: Andrew é incapaz de simbolizar o trauma vivenciado. O conceito de *alpha function* de Bion encontra-se prejudicado. Neste caso há uma inversão da *alpha function*, que destrói os modelos processados (*alpha screen*) e os substitui por um modelo distorcido (*beta screen*), resultando num funcionamento pós-traumático disfuncional, rígido e concreto, incapaz de simbolizar e assim processar o trauma, que o leva a manter esta realidade paralela.

REGRESSO À REALIDADE E POSIÇÃO DEPRESSIVA: no final do filme, Andrew parece confrontar a realidade, voltando à posição depressiva (Melanie Klein), aceitando a sua culpa e, possivelmente, a lobotomia como uma forma de "morrer como um homem bom". Este regresso à posição depressiva sugere um momento de integração, mesmo que fugaz, antes de aceitar uma forma de aniquilação psicológica.

Referências

- Mitchell SA, Black MJ. *Freud and Beyond: A History of Modern Psychoanalytic Thought*. Basic Books; 2016.
- McWilliams N. *Psychoanalytic Diagnosis, Second Edition: Understanding Personality Structure in the Clinical Process*. Taylor & Francis Group; 2020.

- Brown LJ. *The cognitive effects of trauma: reversal of alpha function and the formation of a beta screen*. Psychoanal Q. 2005;74(2):397-420.
- Brown LJ. *Trauma and representation*. Int J Psychoanal. 2019;100(6):1154-1170.